

Como uma missa transmitida em direto pela televisão, o jogo «é seguido com a mesma fé por milhões de praticantes em casa, de tal modo conhecedores dos detalhes da liturgia que, aparentemente sem trocar uma palavra, se levantam, gritam, berram ou voltam a sentar-se ao mesmo ritmo da multidão reunida no estádio»



A religião e o futebol

O CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL «ASSUME CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS das religiões», nomeadamente a taça, «que funciona como um verdadeiro cálice sagrado, um santo Graal buscado por todos» e, «valha o respeito», a bola «funciona como uma espécie de hóstia que é comungada por todos».

Com o seu estilo provocador, o brasileiro Leonardo Boff (um dos "pais" da teologia da libertação) apresenta o futebol como «religião laica universal» em texto publicado no seu blogue na véspera do campeonato do mundo da modalidade, no Brasil, em 2014.

O teólogo, cujas reflexões ambientais são citadas na encíclica "*Louvado sejas*", do papa Francisco, explica que «**no futebol como na religião**» há «os onze apóstolos (Judas não conta) que são os onze jogadores, enviados para representar o país». Mas as comparações temerárias vão mais longe. Existe «um Papa que é o presidente da Fifa, dotado de poderes quase infalíveis. Vem cercado de cardeais que constituem a comissão técnica responsável pelo evento. Seguem os arcebispos e bispos que são os coordenadores nacionais do campeonato». Os sacerdotes são os «treinadores, estes portadores de especial poder sacramental de colocar, confirmar e tirar jogadores». E assim como «nas religiões e igrejas existem ordens e congregações religiosas, assim há as "torcidas organizadas". Elas têm os seus ritos, os seus cânticos e a sua ética».

O estádio como uma catedral? Qualquer um poderia torcer o nariz diante de um paralelismo ousado em certos passos. No entanto, já S. Paulo via uma espécie de afinidade eletiva entre competição e sagrado, ao ponto de fazer da primeira o termo de comparação para ilustrar um ideal ético e ascético e superior. Na primeira Carta aos Coríntios, escrevia: «Não sabeis que os que correm no estádio correm todos, mas só um ganha o prémio? Correi, pois, assim, para o alcançardes. Os atletas impõem a si mesmos toda a espécie de privações: eles, para ganhar uma coroa corruptível; nós, porém, para ganhar uma coroa incorruptível».

Neste sentido surge como menos imprudente a aproximação do antropólogo francês Marc Augé, que define o futebol como «uma nova religião». Na verdade, o investigador acrescenta um ponto de interrogação. Porque, sustenta, em torno a um campo de jogo «talvez o Ocidente esteja a antecipar uma religião e ainda não o sabe». É o que escreve no livro "Football", em que propõe uma leitura da bola como «fenómeno religioso».

O opúsculo agora publicado em Itália (48 págs., ed. Dehoniane) é filho daquela atenção à «antropologia do quotidiano» urbano que Augé colocou no centro das suas pesquisas, depois de ter observado, com múltiplas investigações etnográficas, a África. O ex-diretor da Escola dos Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris descreve uma partida à maneira de um rito «celebrado num espaço colocado no centro da cena por vinte e três oficiantes e alguns secundários, diante de uma multidão de fiéis de importância variável que pode alcançar os 50

mil indivíduos». Mas não só. Como uma missa transmitida em direto pela televisão, o jogo «é seguido com a mesma fé por milhões de praticantes em casa, de tal modo conhecedores dos detalhes da liturgia que, aparentemente sem trocar uma palavra, se levantam, gritam, berram ou voltam a sentar-se ao mesmo ritmo da multidão reunida no estádio».

A semelhança entre futebol e credo não é nova. Augé cita Émile Durkheim, sociólogo e historiador das religiões do final do séc. XIX, mas também o colega inglês Robert W. Coles, que em 1975 tinha proposto uma análise sobre o futebol como uma religião substituta.

Todavia o investigador francês acusa as ciências sociais de não ter defrontado este tema de forma sistemática e de nutrir uma singular relutância em relação aos imponentes rituais modernos. O ponto de chegada de Augé é amargo: a bola elevada a fé é «característica de uma época e de uma sociedade» nas quais se está convencido de que «estes fragmentos de tempo bastam para a nossa felicidade». Para entender a sua perspetiva, é preciso afirmar que «a relação entre desporto de massa e religião não tem nada de metafórico». Hoje, nota o antropólogo, no Ocidente «o sentido da existência constrói-se empiricamente». De facto, estamos perante «atividades que são suficientes para dar sentido à vida, desde o momento que dão forma sensível e social às expetativas individuais que contribuem a criar».

Disto são um exemplo os grandes jogos do campeonato nacional ou europeu ou mundial. Assim, «os estádios tornam-se um lugar de sentido, de contrassenso e de não-senso, um símbolo de esperança, de erro ou de horror». Instalações que, no entanto, não entram na categoria dos "não-lugares", segundo a teoria que tornou célebre Augé e que vê nas áreas de serviço, centros comerciais ou hotéis - apenas para indicar alguns casos - espaços alheados e dominados pela ausência de história, identidade, relações. Entre tribunas e bancadas, ao contrário, cumprem-se «grandes rituais, gestos repetitivos que são também iniciações». E se de cada ritual se espera que aconteça alguma coisa - que a chuva caia, que uma epidemia cesse, que as colheitas sejam boas -, «no ritual desportivo a expetativa preenche-se com a própria celebração: no fim do tempo regulamentar as sortes



estarão decididas mas o futuro terá existido, fragmento de tempo puro, graça proustiana de uso popular».

Que o futebol é uma liturgia laica mostram-no também os coros, que, observa o especialista, «se ouvem geralmente em alternância e quase não se sobrepõem», como pode acontecer ao ouvir-se uma comunidade monástica que canta o saltério durante a Liturgia das Horas. Além disso, segundo o antropólogo, podem nutrir o mesmo fascínio e comover da mesma maneira o odor do incenso, os órgãos monumentais, o verde cintilante do relvado à noite ou o rumor que ressoa sobre um grande estádio de futebol.

Em face de um jogo em qualquer um dos maiores estádios, é de interrogar se não se perpetua a ideia de Marx sobre o «ópio do povo». É o que faz também Augé. E admite que um desafio é no século XXI considerado uma «fonte de espetáculo», mas a dimensão cenográfica e majestosa do desporto pode ser julgada como «fundamento da sua natureza religiosa». Que conquista todos, sem distinção de idade e condição, como se percebe ao entrar no meio do público.



Vem à mente o papa Francisco, que várias vezes recorreu ao ícone do futebol para falar da fé. Na audiência geral de 13 de junho de 2013, afirmou: «Se num estádio, numa noite escura, uma pessoa acende uma luz, apenas se entrevê, mas se os outros 70 mil espectadores

acendem cada um a própria luz, o estádio ilumina-se. Façamos com que a nossa vida seja uma luz de Cristo».

E aos jovens tinha dito, em 2013, durante a Jornada Mundial da Juventude, no Brasil: «O que é que faz um jogador quando é convocado a fazer parte de uma equipa? Deve treinar-se, e muito! Assim é a nossa vida de discípulos do Senhor». Palavras de um pontífice "desportivo" que levou até ao Vaticano o amor pela camisola do San Lorenzo, clube da sua Buenos Aires.

GIACOMO GAMBASSI

In "[Avvenire](#)"

Trad.: Rui Jorge Martins:

http://www.snpcultura.org/religiao_e_futebol.html (29.05.2016)

O futebol como religião secular mundial

O Campeonato Mundial de Futebol que ora (jun/14) se realiza, no Brasil, bem como outros grandes eventos futebolísticos, assumem, tal como o mercado, características, próprias das religiões. Para milhões de pessoas, o futebol, o desporto que, possivelmente, mobiliza mais gente no mundo, ocupou o lugar que, habitualmente, era detido pela religião. Estudiosos da religião, - cito apenas dois dos mais importantes, como Emile Durckheim e Lucien Goldmann -, sustentam que “a religião não é um sistema de ideias, mas antes um sistema de forças que mobilizam as pessoas, até as levar à mais intensa exaltação”(Durckheim).

A fé anda sempre ligada à religião. Este mesmo clássico afirma, na sua famosa obra *As formas elementares da vida religiosa*: “A fé é, antes de tudo o mais, calor, vida, entusiasmo, exaltação de toda a atividade mental, transporte do indivíduo para além de si mesmo”(p.607). E conclui Lucien Goldmann, sociólogo da religião e marxista pascaliano: “crer é apostar que a vida e a história têm sentido; o absurdo existe, mas não prevalece”.



Ora, se bem repararmos, o futebol apresenta-se a muito boa gente, como detentor de características religiosas: fé, entusiasmo, calor, exaltação, um campo de forças e uma permanente aposta de que o seu clube vai triunfar.

A espetacularização da abertura dos jogos lembra uma grande celebração religiosa, carregada de reverência, respeito, silêncio, e seguida de ruidosos aplausos e gritos de entusiasmo. Ritualizações sofisticadas, com músicas e

encenações das várias culturas presentes no país, apresentação de símbolos do futebol (estandartes e bandeiras), especialmente a taça que funciona como um verdadeiro cálice sagrado, um santo Graal buscado por todos. E há, guardado o devido respeito, a bola que funciona como uma espécie de hóstia que é comungada por todos.

No futebol como na religião, - tome-se a católica como referência -, existem os onze apóstolos (Judas não conta), que são os onze jogadores, enviados para representar o país; os santos de referência como Pelé, Garrincha, Beckenbauer e outros; existe, além disso, um Papa que é o presidente da Fifa, dotado de poderes quase infalíveis. Apresenta-se rodeado de cardeais que constituem a comissão técnica responsável pelo evento. Seguem-se os arcebispos e bispos que são os coordenadores nacionais do evento. Em seguida aparece a casta sacerdotal dos treinadores, estes portadores de especial poder sacramental de colocar, confirmar e tirar jogadores. Depois, emergem os diáconos que formam o corpo dos juizes, mestres-teólogos da ortodoxia, ou seja, das regras do jogo, e que fazem o trabalho concreto de arbitrar os jogos. Por fim vêm os apanha bolas e os bandeirinhas que ajudam os diáconos.



O desenrolar de uma partida suscita fenômenos que ocorrem, também, na religião: gritam-se jaculatórias (bordões), chora-se de comoção, fazem-se rezas, promessas divinas (Felipe Scolari, treinador brasileiro, cumpriu a promessa de ir a pé, uns vinte quilômetros, ao santuário de Nossa Senhora do Caravaggio, em Farroupilha, caso vencesse o

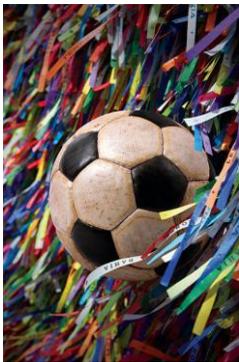
campeonato como, de fato, venceu), figas e outros símbolos da diversidade religiosa brasileira. Santos fortes, orixás e energias do axé são, também, evocadas e invocadas.

Existe, até, uma Santa Inquisição, o corpo técnico, cuja missão é zelar pela ortodoxia, dirimir conflitos de interpretação e, eventualmente, processar e punir jogadores, - como Luiz Suarez, o uruguaio que mordeu um jogador italiano -, ou até clubes inteiros.

Como nas religiões e igrejas, também no futebol existem ordens e congregações religiosas: as claques de apoio organizadas. Elas têm os seus ritos, os seus cânticos e a sua ética.

Há famílias inteiras que optam por ir morar para perto do seu Clube que funciona, para elas, como uma verdadeira igreja, onde os fiéis se encontram e comungam os seus sonhos. Tatuam o corpo com os símbolos do clube; a porta da incubadora

da criança acabada de nascer, já vem ornada com os símbolos do clube, quer dizer, o bebê recebe logo ali o batismo que jamais deverá ser traído.

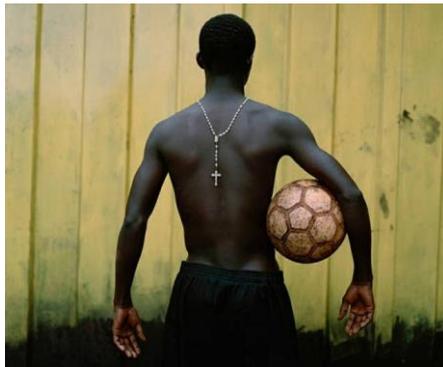


Considero razoável entender a fé como a formulou o grande filósofo e matemático cristão Blaise Pascal, como uma aposta: ao apostar que Deus existe tem-se tudo a ganhar; se de fato Ele não existe, não teremos nada a perder. Então, é melhor apostar na sua existência. O aficionado vive de apostas (que adquirem a sua máxima expressão nas apostas desportivas), sempre na esperança de que a sorte beneficie o seu clube, ou de que algo, no último minuto do jogo, faça mudar as coisas, de modo que a sua equipa possa ganhar, por mais forte que seja o adversário. Tal como nas religiões há pessoas de referência, também nos clubes há os craques.

Na religião existe a doença do fanatismo, da intolerância e da violência contra expressões religiosas diferentes; o mesmo acontece no futebol: grupos de um clube agridem outros elementos do clube concorrente. Há autocarros apedrejados. E ocorrem, até, verdadeiros crimes, como é do conhecimento geral, quando claques organizadas de fanáticos ferem e chegam, mesmo, a matar adversários de outros clubes concorrentes.

Para muitos, o futebol passou a ser uma nova cosmovisão, uma forma de entender o mundo e de dar sentido à vida. Alguns fartam-se de sofrer quando o seu clube perde, e ficam eufóricos se ele ganha.

Eu, pessoalmente, aprecio o futebol, por uma simples razão: portador de quatro próteses nos joelhos e nos fêmures, jamais teria condições de fazer aquelas corridas e de suportar aqueles encontrões e quedas. Aqueles jogadores fazem o que eu jamais poderia fazer, sem cair aos pedaços. Há mesmo jogadores que são geniais artistas de criatividade e habilidade. Não é por acaso que, o maior filósofo do século XX, Martin Heidegger, nunca perdia um jogo importante, pois via, no futebol a concretização da sua filosofia: a luta entre o Ser e o ente, enfrentando-se, negando-se, compondo-se, e constituindo o imprevisível jogo da vida, que todos nós jogamos.



Leonardo Boff

<https://leonardoboff.wordpress.com/2014/06/28/o-futebol-como-religiao-secular-mundial/> (28.06.2014)

a estrada da Beira e a beira da estrada

FOI EM 2012. JOSÉ POLICARPO, ENTÃO CARDEAL-PATRIARCA DE LISBOA e presidente da Conferência Episcopal Portuguesa, dizia que as manifestações contra as políticas de austeridade impostas pelo programa de ajustamento representavam "corrosão da harmonia democrática" e defendia que não deve ser a rua a determinar como se deve governar. Os anos passaram, quase quatro, e a Igreja parece pensar de maneira diferente. Ontem, a Igreja juntou-se à rua e os bispos portugueses apoiaram pública e explicitamente a manifestação dos colégios particulares e deram caução à narrativa de que a decisão de cortar nos contratos de associação, supletivos por definição, é uma ameaça à liberdade de escolha. A esta posição do clero não é seguramente alheio o facto de algumas destas escolas privadas serem propriedade da Igreja Católica. Ou seja, **em verdade vos digo que há aqui dois pesos e duas medidas. Isto é, enquanto o desemprego cresce e as empresas faliam, a Igreja, em vez de se juntar ao povo, rezava pelos desgraçados e fazia caridade. Mas quando as opções políticas atingem os seus interesses particulares, aí a oração não basta.** No mar amarelo que desaguou junto ao Parlamento ouviram-se coisas como "pago impostos, tenho direito a escolher a escola e o sistema de ensino". Nada mais falso. Os impostos que todos pagamos servem, entre outras coisas, para financiar pilares fundamentais do Estado e da democracia, consagrados aliás na Constituição, como são um ensino público e um Serviço Nacional de Saúde que tratem todos por igual e que não deixem ninguém pelo caminho. Ou seja, ao contrário do que se apregoa, **a liberdade de escolha é inatacável e não está ameaçada.** Quem quiser ter os filhos numa escola pública e gratuita, faça o favor. Quem preferir o ensino particular, é livre de o fazer desde que pague. **O que não tem qualquer sentido é pretender que seja o Estado a financiar a iniciativa privada, sobretudo quando a oferta pública existe e tem qualidade. Confundir deliberadamente isto com liberdade de escolha é misturar a estrada da Beira com a beira da estrada.** E, já agora, **a preocupação de todos, da esquerda à direita, deveria ser a defesa de um ensino público de qualidade, ponto.** Mas como ontem também ouvimos na Rua de São Bento, isso é coisa dos malandros CGTP. Em matéria de sectarismo estamos, pois, conversados.

Nuno Saraiva

Editorial *Diário de Notícias*, 30-05-2016.